

VIA TEOLÓGICA

Volume 26 – Número 52 – dez./2025
ISSN 2526-4303

O PROFETA COMO INSTRUMENTO VIVO PARA A PROCLAMAÇÃO DA MENSAGEM DE DEUS, A PARTIR DA ANÁLISE DE JEREMIAS 16.1-21

THE PROPHET AS A LIVING INSTRUMENT FOR THE
PROCLAMATION OF GOD'S MESSAGE, BASED ON THE
ANALYSIS OF JEREMIAH 16.1-21

Dr. Antônio Renato Gusso
Me. Ranaan da Silva Camilo



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

O PROFETA COMO INSTRUMENTO VIVO PARA A PROCLAMAÇÃO DA MENSAGEM DE DEUS, A PARTIR DA ANÁLISE DE JEREMIAS 16.1-21

THE PROPHET AS A LIVING INSTRUMENT FOR THE PROCLAMATION OF GOD'S MESSAGE, BASED ON THE ANALYSIS OF JEREMIAH 16.1-21

Dr. Antônio Renato Gusso¹

Me. Ranaan da Silva Camilo²

1 Possui pós-doutorado em Teologia pela EST, mestrado e doutorado em Ciências da Religião pela UMESp, mestrado e doutorado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, bacharelado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná e graduação em Ciências Contábeis pela UFPR. Atualmente exerce a função de Diretor Acadêmico da FABAPAR. Professor na Faculdade Batista Pioneira. Professor do Mestrado em Ministério da Carolina University, na Carolina do Norte (EUA). E-mail: professor.gusso@fabapar.com.br.

2 Atualmente é mestrando em Teologia na linha de pesquisa Releitura de Textos e Contextos Bíblicos pela FABAPAR; Pós-graduando em Estudos Orientais pela Servos de Cristo; Pós-graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela FABAPAR; Pós-graduado em Teologia Sistemática pela FABAPAR; Certificado no Curso Básico de Teologia pelo Seminário Martin Bucer; Graduado em Design Gráfico pela Faculdade SENAC. E atua como Coordenador e Professor do Seminário Cartas Vivas. E-mail: ranaanc@gmail.com. ORCID: 0009-0008-8603-0505

RESUMO

O presente artigo analisa Jeremias 16.1-21 destacando o profeta como um instrumento vivo da mensagem divina. A partir da ordem de Deus para que Jeremias não se casasse nem participasse de convívios sociais, o estudo demonstra como a própria vida do profeta se tornou um sinal profético que revelava o juízo iminente sobre Judá em razão de sua idolatria e apostasia. A pesquisa, de caráter bibliográfico e exegético, evidencia que a obediência e a renúncia pessoal de Jeremias comunicavam de forma prática a santidade e a justiça de Deus, chamando o povo ao arrependimento. Em meio à calamidade anunciada, o texto revela também a esperança messiânica da restauração de Israel e a inclusão dos gentios na salvação prometida. Por fim, o artigo reflete sobre o propósito relacional de Deus, mostrando que o ser humano não foi criado para viver isolado, mas para experimentar comunhão com o Criador e com o próximo, encontrando na solidão uma forma de renovação espiritual e dedicação ao chamado divino.

PALAVRAS-CHAVE:

Jeremias 16.1-21. Profeta. Obediência. Relacionamento. Esperança.

ABSTRACT

This article analyzes Jeremiah 16:1-21 highlighting the prophet as a living instrument of the divine message. Beginning with God's command for Jeremiah not to marry or participate in social gatherings, the study demonstrates how the prophet's own life became a prophetic sign revealing the impending judgment upon Judah because of its idolatry and apostasy. The bibliographical and exegetical research shows that Jeremiah's obedience and personal renunciation communicated God's holiness and justice in a practical way, calling the people to repentance. Amidst the foretold calamity, the text also reveals the messianic hope of Israel's restoration and the inclusion of the Gentiles in the promised salvation. Finally, the article reflects on God's relational purpose, showing that human beings were not created to live in isolation, but to experience communion with the Creator and with others, finding in solitude a form of spiritual renewal and dedication to the divine calling.

KEYWORDS:

Jeremiah 16:1-21. Prophet. Obedience. Relationship. Hope.

INTRODUÇÃO

Em toda a Bíblia, Deus revelou os seus desejos, planos e vontades de maneira clara. Ao criar o ser humano, Deus o fez para ser um ser relacional, com o próprio Deus e com o restante de sua criação. O relacionamento do ser humano perante Deus se dá através da obediência. O livro do profeta Jeremias mostra que o povo de Judá já não servia mais a Deus, idolatrava deuses criados por mãos humanas e apostatou do Deus verdadeiro. Jeremias foi usado como um instrumento vivo para transmitir a mensagem e os propósitos do Senhor para aquela nação. Ao abrir mão de constituir uma família e se abster de prantear com os que choram e se alegrar com os que festejam, o profeta se tornou um ser à parte da sociedade. Ele opta por não viver conforme os costumes a fim de anunciar o que viria a acontecer com o povo em consequência de sua apostasia e de depositarem a sua confiança em falsos deuses.

Diante das dificuldades apresentadas para o entendimento dessa mensagem, a pesquisa pretende se balizar nas informações trazidas pelo texto bíblico de Jeremias 16.1-21 a respeito de como a obediência do profeta, ao cumprir todas as ordenanças de Deus, foi usada como mensagem prática a fim alcançar o seu objetivo de maneira clara, orientar que o povo abrisse suas mentes e seus corações, reconhecendo o seu pecado e se voltando a Deus.

Portanto, busca-se reunir dados com o intuito de esclarecer a seguinte pergunta: De que modo a mensagem vivida na prática pelo profeta Jeremias conduz o cristão a reconhecer seus delitos e a se voltar para Deus? Com essa finalidade, será utilizada a pesquisa bibliográfica e a análise exegética do texto. Todas as citações bíblicas deste artigo utilizarão a versão bíblica Nova Almeida Atualizada (NAA). O referencial teórico sobre o assunto considerará o pensamento de Champlin, Elliot, Gusso, Gray, Henry, Mackay, Ryken, Schökel, Sicre Díaz, Tillich, Wiersbe, entre outros.

A pesquisa será dividida em dois pontos. No primeiro ponto, será analisado o texto bíblico de Jeremias 16.1-21, apresentando o profeta e seu chamado, a mensagem transmitida ao povo e a consequência da idolatria, a esperança em meio à calamidade e a confiança futura. Tratar-se-á sobre a ação ordenada por Deus a Jeremias para que não se casasse, não tivesse filhos e não lamentasse ou se alegrasse em solenidades sociais a fim de demonstrar a situação em que o povo se encontrava e o que aconteceria devido à idolatria e à apostasia do povo.

Finalmente, no segundo ponto, será apresentado que a mensagem do profeta Jeremias se tornando um pária, isolado e afastado dos padrões exigidos pela sociedade, demonstra como Deus deseja que o ser humano viva em comunhão e não de maneira solitária, mas viva em solitude e entendendo o seu chamado. Esse é mais um texto bíblico em que Deus prova que valoriza e deseja o relacionamento com o ser humano desde o início de sua criação.

1. ANÁLISE A PARTIR DE JEREMIAS 16.1-21

Inicialmente será exposta a vida do profeta e o seu chamado, não para apenas anunciar, mas viver na prática a mensagem que Deus deseja transmitir ao seu povo em Judá. Pode-se observar que o fato de Jeremias se tornar um pária, não constituindo família e não participando de convenções sociais comuns do povo, revelava a situação que aquela nação se encontrava e as consequências que seriam vividas devido à sua idolatria e apostasia. E, ao final, será demonstrada a misericórdia do Senhor e a esperança de salvação, não somente para Israel, mas também para nações futuras.

II O PROFETA E SUA MENSAGEM

É notória a missão dada a Jeremias neste capítulo, que já se inicia dizendo que a palavra do Senhor veio a ele com algo que ele deveria fazer para transmitir a sua mensagem ao povo. O anúncio não deveria apenas ser expresso através da fala, mas demonstrado por ações que deixariam claro o objetivo de Deus a toda nação. O profeta Jeremias se tornaria um pária da sociedade, pois a mensagem que ele carregava era de um peso simbólico que trazia o juízo de Deus.

O primeiro decreto que Deus dá a Jeremias acontece no versículo 2. Uma mensagem difícil, algo que poucos poderiam carregar. Apenas homens realmente obedientes a Deus seriam capazes de cumprir esse chamado. Porém, é visto que a mensagem de Deus não se limita apenas a este versículo. O que é ordenado ao profeta logo em seguida traz a completude de uma mensagem assustadora. A mensagem de Deus dada ao profeta em Jeremias 16.1-9 diz:

- 1 A palavra do Senhor veio a mim, dizendo:
- 2 Não case, nem tenha filhos ou filhas neste lugar.
- 3 Porque assim diz o Senhor a respeito dos filhos e das filhas que nascerem neste lugar, a respeito das mães que os tiverem e dos pais que os gerarem nesta terra:
- 4 Morrerão de doenças terríveis e não serão pranteados, nem sepultados; servirão de esterco para a terra. A espada e a fome os consumirão, e os seus cadáveres servirão de alimento às aves do céu e aos animais selvagens.
- 5 Porque assim diz o Senhor: Não entre em casa onde há luto, nem vá pranteá-los ou consolar os enlutados. Porque deste povo retirei a minha paz, diz o Senhor, e também a minha bondade e a minha compaixão.
- 6 Nesta terra, morrerão tanto grandes como pequenos e não serão sepultados nem prantearão por eles. Não se farão por eles cortes na pele nem por eles se repararão as cabeças.
- 7 Não se dará pão a quem estiver de luto, para consolá-lo por causa de morte, nem lhe darão de beber do copo da consolação, pelo pai ou pela mãe.
- 8 Também não entre numa casa em que há um banquete, para sentar com eles a comer e a beber.
- 9 Porque assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Eis que farei cessar neste lugar, diante dos olhos de vocês e enquanto vocês ainda estiverem vivos, o som das festas e da alegria, a voz do noivo e a voz da noiva.³

O nome Jeremias em hebraico, *Yirmeyahu* (ירמיהו), possui vários significados como: “Yavé Estabelece”, “Yavé Exalta”, “Yavé Ajuda” ou “Yavé Derruba”. Jeremias era filho de Hilquias (ou Helcias) da linhagem sacerdotal e vivia em Anatote, a cidade dos sacerdotes. Wiersbe aponta que “aparentemente, ele tinha fortuna pessoal, pois comprou bens imóveis e até contratou um escriba” (WIERSBE, 2006, p. 553). Jeremias foi chamado para o ministério ainda jovem, quando era apenas uma criança, como pode ser lido em Jeremias 1.4-6, mas esta interpretação tem pouca força; Gusso ressalta que a palavra hebraica *na'ar* (נער), utilizada no texto como “criança”, pode gerar dificuldades na interpretação, pois ela também pode ter os significados de: “menino”, “garoto”, “rapaz”, “moço” e até mesmo uma pessoa dos três meses até um homem com 45 anos de idade (GUSSO, 2021, p. 54-55).

³ Todas as citações bíblicas deste artigo utilizarão a versão bíblica: BÍBLIA DE ESTUDO NAA. Nova Almeida Atualizada (NAA). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018. Quando utilizado outra versão haverá a indicação.

A palavra usada na Septuaginta para “jovem” é *neōteros* (νεώτερος), derivada de *neos*, que significa “novo”, “jovem” ou “recente”.⁴ Pode-se pensar que a palavra “criança” está relacionada a uma idade baixa demais para ser profeta, o que normalmente ocorria somente após os 30 anos. Possivelmente Jeremias estivesse entre 20 e 30 anos, levando em consideração que ele teve um ministério longo, servindo a Deus por mais de 40 anos como profeta. Talvez o termo “criança” seja apenas uma figura de linguagem para descrever a sua inexperiência no início do ministério.

A profecia no texto de Jeremias 16 acontece na última metade do reinado de Jeoaquim, entre 604-597 a.C. No versículo 2 é lido que Jeremias é proibido por Deus de se casar. Gray informa que “Jeremias é o único dos profetas que foi proibido de casar-se. Mas há tragédias maiores do que a solidão” (PRICE; GRAY; GRIDER; SWIM, 2012, p. 302). Deus ordena que o profeta não se case, o que, por consequência, também implica que Jeremias não deveria ter filhos nem filhas, uma proibição que deixa evidente a instrução divina para que ele não constituísse família. Gusso diz que Deus faz essa proibição ao profeta para que ele não sofresse ainda mais com uma perda futura dos filhos e da esposa (GUSSO, 2021, p. 57).

A mensagem de Deus dada a Jeremias era de uma total calamidade. O povo viveria um período aterrorizante e, mesmo que eles não entendessem, a vida do profeta seria um retrato do futuro. Champlin esclarece que o celibato e a austeridade de Jeremias simbolizavam a chegada de tempos difíceis e o iminente desastre para Judá. Dedicado inteiramente à sua missão profética, ele renunciou ao conforto e à vida familiar, pois não havia tempo nem segurança para se formar uma família em Jerusalém. A destruição causada pelos babilônios acabaria com as estruturas familiares da cidade (CHAMPLIN, 2001, p. 3038). Mackay completa ao dizer que “Jeremias não devia se casar porque a condenação que paira sobre Judá era tão esmagadora que a terra não será um lugar adequado para se casar e constituir uma família” (MACKAY, 2018, p. 553). O profeta tinha uma natureza sensível e amável, desejava um relacionamento social como qualquer outro homem, mas Deus está agora proibindo-o de desfrutar dessas coisas. Ele não teria o conforto do lar e da família.

Henry demonstra que os judeus, mais do que qualquer outro povo, valorizavam casamentos precoces e famílias numerosas, mas Jeremias foi chamado a viver em celibato, não para exaltar a virgindade, mas por causa das dificuldades iminentes. Essa condição era apropriada em tempos de crise, como ensina 1 Coríntios 7.26. A ausência de filhos seria vista como bênção em tempos de calamidade, como também se percebe em Lucas 23.29. Diante da aproximação de dias difíceis, era sábio que especialmente os profetas evitassem vínculos que pudessem intensificar o sofrimento e a preocupação (HENRY, 2015, p. 800). A mensagem transmitida pelo profeta trazia um alerta muito importante. Sicre Díaz ressalta que, em certos momentos, não fazer algo chama mais a atenção do que fazê-lo. A abstenção de Jeremias ao casamento, dentro de um contexto totalmente alheio ao celibato, é algo extremamente desconcertante para o povo (SICRE DÍAZ, 2016, p. 104).

Aquele lugar não era mais um lugar de bênção, mas estava sob maldição. Fee e Stuart explicam que não cabia ao profeta escolher se haveria bênçãos ou maldições, ele apenas transmitia a mensagem do Senhor (FEE; STUART, 2022, p. 221). Kunz reafirma que “a palavra anunciada, por muitas vezes, está centrada no anúncio de falhas humanas ou da sociedade daquele período” (KUNZ, 2012, p. 483). A situação vivida por meio das bênçãos ou maldições era causada pelo próprio povo.

Champlin ressalta que nada é mais desejável do que ter filhos e criar uma família e poder dar continuidade ao nome e à família do indivíduo. Contudo, em tempos de calamidade pública, esses vínculos trazem somente mais aflição (CHAMPLIN, 2001, p. 3038). Ryken expõe que “A condição de solteiro de Jeremias simbolizava o

4 BÍBLIA. Septuaginta (Rahlfs 1935) – interlinear. BibleBento. Disponível em: <https://biblebento.com/index.html?lxx1&300.1.1>. Acesso em: 15 de outubro de 2025. Sem paginação.

juízo vindouro. Mostrava o quanto as famílias sofrem no dia do juízo. Considerando que tanto os pais quanto os filhos seriam reduzidos a carniça, era melhor para Jeremias não se casar mesmo” (RYKEN, 2018, p. 388). Devido à idolatria do povo e ao abandono de Deus, a terra em que viviam tinha se tornado imprópria para se ter uma vida normal onde se teriam casamentos e filhos.

Nos versículos 3 e 4, é indiscutível o porquê Deus dá a mensagem para que Jeremias não tenha filhos e filhas. Algo terrível iria acontecer. Henry consegue explicar bem a mensagem passada nesses versículos ao dizer que:

A razão dada aqui é que os pais e as mães, os filhos e as filhas estão designados a uma morte dolorosa (vs. 3,4). Quanto aos que têm esposas e filhos: 1. Esses terão neles obstáculos tão grandes que não poderão escapar desse tipo de morte. Um homem solteiro pode empreender sua fuga e se deslocar visando a sua própria segurança, enquanto aquele que tem uma esposa e filhos poderá encontrar dificuldades para transportá-los, e também não partiria deixando-os para trás. 2. Eles estarão continuamente aterrorizados pelo medo desse tipo de morte. E, quanto mais tiverem a perder através dela, maior será o terror e a consternação quando a morte surgir em toda parte com sua força e extensão triunfantes. 3. A morte de cada filho, e suas circunstâncias agravantes, será uma nova morte para o pai. É melhor não ter filhos do que tê-los gerado e criado para o matador (Os 9.13,14), sim, do que vê-los viver e morrer em sofrimento. A morte é dolorosa, mas algumas mortes são mais dolorosas do que outras, tanto para aqueles que morrem como para os seus parentes que permanecem vivos. E lemos nas Escrituras a respeito de tão grande morte (2 Co 1.10). Duas coisas são utilizadas para amenizar e suavizar um pouco o terror da morte sobre este mundo, e adoçar a pílula amarga – lamentar os mortos, e sepultá-los. Mas, para tornar essas mortes realmente dolorosas, isso é negado: Eles não serão lamentados, mas deverão morrer como se o mundo estivesse cansado deles. Além disso, eles não deverão ser enterrados, mas deixados expostos, como se fossem destinados a ser monumentos de justiça. Eles serão esterco sobre a face da terra, não apenas desprezíveis, como também detestáveis, como se não servissem para nada a não ser adubar o solo (HENRY, 2018, p. 800-801).

A calamidade tomaria conta de todo o Judá, um período de juízo pelos pecados cometidos. Os simbolismos sobre a vida de Jeremias, ao não se casar e não ter filhos, expressam de maneira viva o que aconteceria com o povo. Devido ao que a mensagem revelava, a melhor coisa a se fazer era não ter casamentos ou filhos, pois seriam destruídos como consequência do pecado.

Nota-se que a mensagem dada ao profeta não cessa no versículo 4. A partir do versículo 5, Deus continua instruindo Jeremias sobre como ele deve se comportar e agir para que sua mensagem seja completa. Na primeira parte da mensagem, Deus proíbe o profeta de um convívio social. Era algo que Jeremias não poderia ter em sua vida. A partir de então, ele teria que se eximir de duas ações que são de extrema importância no convívio com as pessoas em geral, gestos esses que eram comuns e esperados na sociedade em que Jeremias vivia.

A primeira conduta proibida ao profeta era ir à casa de luto. Ele não poderia chorar junto aos seus vizinhos, amigos ou parentes, nem se compadecer com a dor do próximo. Henry esclarece que era costume consolar os enlutados com gestos como lamentações, cortes no corpo, raspagem de cabelo e ofertas de vinho. Práticas comuns, embora algumas dessas proibidas pela Lei, como é visto em Deuteronômio 14.1. Jeremias participava desses rituais como sinal de compaixão, mas Deus agora o proíbe de fazê-lo. A razão é tripla: 1) a tristeza nacional supera a dor individual; 2) os que morreram escaparam dos juízos vindouros; e 3) em breve haverá tamanha calamidade que não restará tempo nem ânimo para luto ou consolo. Deus retiraria sua paz,

misericórdia e benignidade, a verdadeira fonte de todo bem e, sem elas, até a terra dos vivos se tornaria um lugar de morte para todos, grandes e pequenos (HENRY, 2018, p. 800-801).

Essa abstenção contrariava todos os costumes judaicos da época. Gray diz que essa proibição servia como um sinal profético. A destruição vindoura seria tão severa que não haveria mais funerais, lamentos, sepultamentos nem consolo. Os mortos seriam deixados sem honra (GRAY, 2012, p. 302). Champlin reafirma ao dizer que a morte atingiria a todos de forma simultânea, caracterizando um verdadeiro genocídio. Era costume que os enlutados jejuassem até o sepultamento, sendo depois consolados por amigos com alimento e vinho, conhecido como “copo da consolação” (v. 7), que é citado apenas aqui na Bíblia. Contudo, em tempos tão sombrios, nem esses rituais de luto seriam possíveis, intensificando ainda mais o horror e a desolação do juízo sobre o povo (CHAMPLIN, 2001, p. 3039).

A segunda conduta proibida a Jeremias era ir a banquetes. Ele não poderia se alegrar com quem está feliz, estava agora proibido de festejar e de sorrir com os que sorriem. Henry mostra que Jeremias costumava participar, com sobriedade, de refeições e festas com amigos, mas Deus o proibiu de continuar com esse costume. Isso servia a dois propósitos: 1) demonstrar, pelo exemplo, que era tempo de choro, jejum e arrependimento, e não de alegria, cabendo ao profeta viver a mensagem que pregava; e 2) anunciar que tempos tristes se aproximavam. O fim das festividades simbolizava o juízo de Deus sobre Jerusalém (HENRY, 2015, p. 802-803).

A cidade que antes celebrava com júbilo veria suas festas cessarem, suas canções silenciarem e toda alegria ser substituída por sofrimento como punição por ignorar as advertências divinas e se entregar à idolatria. Ryken enfatiza que Jeremias foi proibido até de participar de jantares festivos, como aniversários ou comemorações. Essa recusa simbólica representava o juízo iminente. Assim como o profeta se ausentou, Deus também retirava Sua presença de Israel. Não era tempo de celebrações, mas de advertência. Até os grandes marcos da vida perdiam sentido diante da destruição que se aproximava (RYKEN, 2018, p. 388-389). A mensagem transmitida pelo profeta ao povo trazia calamidade e juízo. Não se ouvia mais barulhos de festas. A cidade festiva seria dominada pelo silêncio da morte.

A mensagem passada por Jeremias era clara, Marty e SeEVERS dizem que o profeta obedeceu fielmente ao que Deus lhe chamou para fazer e, por esse motivo, sofreu por pessoas que não quiseram ouvir a palavra do Senhor (MARTY; SEEVERS, 2020, p. 107). O profeta vivia na própria pele a solidão e o resultado sombrio de sua mensagem. Champlin demonstra que:

A nação de Judá estava próxima do fim, e no fim também deveria estar seu regozijo. Assim, antes que tudo acontecesse, o profeta tinha de retirar-se de toda a ocasião que projetasse a ideia de felicidade. Não mais haveria o grito de alegria da noiva ou do noivo. Uma nação inteira estava moribunda. Seria impróprio agir como se nada tivesse acontecido, quando as profecias haviam sido tão numerosas e claras (CHAMPLIN, 2001, p. 3039).

É notório que tudo termina quando Deus retira do povo a sua bondade e misericórdia, um povo fadado ao fracasso, à destruição e ao caos. Jeremias é usado por Deus como um instrumento vivo para mostrar a situação do povo ao próprio povo. Schökel e Sicre Díaz pontuam que os profetas sofrem em sua própria carne e, em períodos de suas vidas, são usados como oráculos de Deus (SCHÖKEL; SICRE DÍAZ, 1988, p. 16). A mensagem vivida por Jeremias é uma ação profética aterrorizante que demonstra todas as consequências devidas ao pecado da idolatria e da apostasia a Deus.

1.2 O CASTIGO QUE VIRÁ SOBRE JUDÁ

Nota-se que, a partir do versículo 10, o povo questiona o porquê da mensagem de Jeremias ser tão dura e cruel e porque Deus faria coisas tão terríveis com eles, se eles não têm sequer noção de quais são as suas iniquidades e pecados perante o Senhor. A resposta é observada em Jeremias 16.10-13:

10 Quando você anunciar a este povo todas estas palavras, eles perguntarão: “Por que o Senhor nos ameaça com todo este grande mal? Qual é a nossa iniquidade, qual é o nosso pecado, que cometemos contra o Senhor, nosso Deus?”

11 Então você responderá: “Porque os pais de vocês me abandonaram, diz o Senhor, e foram atrás de outros deuses, os serviram e os adoraram; eles me abandonaram e não guardaram a minha lei.

12 Vocês fizeram pior do que os seus pais, porque eis que cada um de vocês anda segundo a dureza do seu coração maligno, para não me dar ouvidos.

13 Portanto, eu os lançarei fora desta terra, para uma terra que nem vocês nem os seus pais conheceram. Ali vocês servirão a outros deuses, dia e noite, porque não terei misericórdia de vocês”.

O povo claramente questiona ao serem expostos à destruição que os afligia. Ryken diz que a primeira reação do povo é de “Quem, eu? O que foi que eu fiz? Eu não fiz isso! E mesmo que tivesse feito, não foi tão ruim assim! Quem Deus pensa que ele é, me ameaçando desse jeito?” (RYKEN, 2018, p. 389). O questionamento do povo não foi de alguém que estava de maneira genuína perguntando algo que não sabia, mas sim de alguém que não se sente culpado de algo, com soberba, como se não pudesse ser punido pelo criador, afinal quem era ele e quais os motivos que levariam a tal castigo.

Mackay relata que a “cegueira espiritual era tal que o povo não conseguia compreender como a mensagem do profeta podia ser para ele” (MACKAY, 2018, p. 558). O povo estava tão entregue à idolatria que não reconhecia mais o seu Deus. Gray diz que Jeremias responde ao povo afirmando que a destruição da nação se devia à teimosia persistente do coração maligno de cada indivíduo. Essa expressão, “coração maligno”, é repetida várias vezes no livro. Ela revela uma disposição mental rebelde e resistente à autoridade divina, voltada à satisfação dos próprios desejos a qualquer custo. Embora soubessem dos castigos sofridos por seus antepassados, os judeus da época de Jeremias continuavam a pecar com ainda mais audácia e obstinação, tornando-se imprudentes e intencionais em sua rebelião contra Deus (GRAY, 2012, p. 303).

Percebe-se que o anúncio de juízo sobre o povo foi dado por Deus por dois motivos principais. Henry explica esses motivos ao dizer que: 1) eles seguiram os pecados dos seus pais, abandonando a Lei e adorando outros deuses. Práticas herdadas por tradição, como advertido no segundo mandamento; e 2) agravaram esses pecados tornando-se mais rebeldes e obstinados, cada um guiando-se pelos desejos do próprio coração, recusando ouvir a Deus e a seus profetas (HENRY, 2015, p. 803-804). A idolatria tinha contaminado mentes e corações. A crueldade estava tão estabelecida que conseguiram ser piores que seus pais e, mesmo assim, não conseguiam entender a razão do juízo de Deus sobre eles.

A consequência dessa idolatria seria aplicada por Deus. Champlin diz que Judá, como nação, enfrentaria a morte e seria deixada insepulta e os poucos sobreviventes seriam exilados para uma terra desconhecida, o que agravaria ainda mais o sofrimento. No exílio, seriam escravizados e forçados à idolatria que antes praticavam por vontade própria. O Senhor não os livraria, pelo contrário, continuaria enviando juízo, inclusive no cativeiro. A idolatria, livremente escolhida no passado, agora seria imposta como punição. Só então reconheceriam que essa foi a causa do castigo e desejariam mudança, embora fosse tarde demais (CHAMPLIN, 2001, p. 3039).

A punição de Judá seria sair da terra prometida, aquela que foi separada por Deus ao seu povo, para uma terra distante, uma terra estranha, um lugar sem familiaridade, sem paz e sem sinais da bondade divina. Deus os entregou aos seus próprios desejos e nada pior pode acontecer do que o abandono de Deus. Aquilo que era prazer para o povo virou castigo e a ausência de adoração verdadeira e da presença divina tornaria o exílio insuportável, atingindo diretamente a alma. Um povo sem lei e sem ordem, em total desobediência ao Deus que os criou. Um povo com costumes e padrões culturais totalmente diferentes em relação aos que agradavam a Deus. O mal estava instalado e a direção era sem volta para a perdição. A catástrofe era anunciada e o exílio e castigo do povo eram inevitáveis.

13 A ESPERANÇA APESAR DA CALAMIDADE

Há esperança em Deus, mesmo em meio a tragédia que o povo viveria. Deus é justo e, devido à sua justiça, não compactua com o pecado, Ele julgará a idolatria praticada pelo seu povo. A mensagem foi enviada e Ele irá cumprir. Mas, ainda assim, Deus é bondoso e tem reservado para o seu povo misericórdia. Mackay evidencia que, apesar das maldições previstas para a desobediência à aliança, Deus sempre deixou espaço para a restauração. A infidelidade do povo não anulava a aliança, mas suspendia as bênçãos, ficando o futuro de Israel sujeito à vontade soberana de Deus. Mesmo após graves pecados, como no Sinai, o castigo total foi evitado por causa da graça divina revelada no caráter misericordioso de Deus, como pode se verificar no texto de Êxodo 34.6-7. Embora houvesse punição, havia também a possibilidade de perdão e renovação da comunhão, especialmente se o povo se arrependesse, mesmo no exílio, e voltasse ao Senhor, como visto em Deuteronômio 30.1-10 (MACKAY, 2018, p. 560-561). A mensagem de esperança em meio à calamidade acontece em Jeremias 16.14-18:

14 Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que nunca mais se dirá: “Tão certo como vive o Senhor, que tirou os filhos de Israel do Egito.”

15 Pelo contrário, se dirá: “Tão certo como vive o Senhor, que tirou os filhos de Israel da terra do Norte e de todas as terras para onde os tinha dispersado.” Pois eu os farei voltar para a sua terra, que dei aos seus pais.

16 Eis que mandarei muitos pescadores, diz o Senhor, os quais os pescarão. Depois, enviarei muitos caçadores, os quais os trarão de todos os montes, de todas as colinas e até das fendas das rochas.

17 Porque os meus olhos estão sobre todos os caminhos deles. Eles não conseguem se esconder de mim, e a iniquidade deles não se encobre aos meus olhos.

18 Primeiramente, pagarei em dobro a sua iniquidade e o seu pecado, porque profanaram a minha terra com os cadáveres dos seus ídolos detestáveis e encheram a minha herança com as suas abominações.

Os versículos 14 e 15 trazem uma mensagem de alívio. O Deus todo poderoso que resgatou o povo da escravidão do Egito é o mesmo que tem todo poder e graça para resgatá-los de sua situação. Henry expõe que a escravidão na Babilônia seria muito mais severa e dolorosa do que a do Egito, marcada por crueldade imediata e total desamparo. Ao contrário do Egito, onde havia algum alívio e utilidade, na Babilônia os judeus eram apenas cativos odiados. No entanto, a futura libertação desse cativo seria ainda mais gloriosa do que a do Egito. Esses julgamentos teriam propósito pedagógico, Deus os usaria para instruir o povo e expor a insensatez da idolatria, pois é irracional criar deuses que nada podem fazer. Além disso, Deus seria glorificado por meio desses atos de juízo, mostrando ao povo a força de Sua mão e revelando de forma definitiva que Ele é o único Deus verdadeiro (HENRY, 2015, p. 805-806). Nestes versículos, é notório que o Senhor tem todo o controle e o poder para libertar e restaurar aquela nação e fazê-lo de maneira grandiosa.

Champlin explica como Jeremias usa as imagens da pesca e da caça no versículo 16 para ilustrar o juízo iminente sobre Judá. Assim como pescadores e caçadores capturam e matam suas presas com habilidade, os babilônios invadiriam Judá com o mesmo objetivo destrutivo. Eles saqueiam e matam, não apenas por conquista, mas com prazer, tratando a invasão como um esporte sangrento. O massacre seria cruel e impiedoso e Judá seria caçada até mesmo nas fendas das rochas, sem escapatória, como anunciado também em Amós 9.2-4 (CHAMPLIN, 2001, p. 3040). A punição pelos pecados seria executada, o povo seria punido pela sua idolatria. Nada escapa da onisciência de Deus, Ele sabe de todas as coisas, nada fica oculto, até o mais profundo pensamento é sondado por Ele. Mackay ressalta que o Senhor se revela como aquele que tudo vê e vigia atentamente. “Caminhos” refere-se tanto às tentativas de fuga do povo quanto ao seu estilo de vida pecaminoso. Deus não ignora suas práticas religiosas e morais corrompidas e, com plena evidência diante de si, sua justiça assegura que o pecado será devidamente punido (cf. Jr 23.24; 32.19) (MACKAY, 2018, p. 564).

No versículo 18 é visto que, embora Deus tenha misericórdia, as consequências das ações do povo devem ser sofridas, pois a sua bondade não anula a sua justiça. Champlin explica que a expressão “pagarei em dobro” não indica punição excessiva, mas sim um julgamento completo e severo, proporcional à gravidade do pecado. Judá profanou a Terra Prometida com idolatria, fazendo com que ela perdesse seu caráter sagrado. Por isso, Deus a reivindica como sua, “terra de Yahweh”, e a retira do povo. A linguagem do “dobro” remete às penalidades da Lei, como em Êxodo 22, em que fraudes eram punidas com multa dobrada. Aqui, porém, trata-se de um juízo total e justo, aplicado com o máximo rigor (CHAMPLIN, 2001, p. 3040).

O Senhor é justo e, portanto, não deseja algo que não esteja dentro de seu próprio padrão. Gusso declara que Deus não está nas mãos de Israel, mas Israel está nas mãos de Deus, pois Ele é quem possui o controle de toda a situação (Gusso, 2021, p. 73). O povo não pagaria demasiadamente ou, pela sua misericórdia, seria perdoada sem nenhuma punição pelos seus pecados. O povo passaria por tudo que Deus anunciou através de seu profeta e, em seguida, seria restaurado à terra que tinha sido prometida, pois Ele não quebra alianças e suas promessas são cumpridas.

14 A CONFIANÇA DO PROFETA EM DEUS

Jeremias, mesmo com todas as dificuldades para viver a mensagem de Deus de maneira prática, tem esperança e confiança no Deus que o chamou para tal propósito. O profeta, no final do capítulo, traz uma mensagem voltada não apenas ao seu povo, mas a um povo futuro, como é visto em Jeremias 16.19-21:

19 Ó Senhor, minha força e minha fortaleza, meu refúgio no dia da angústia, a ti virão as nações desde os confins da terra e dirão: “Nossos pais herdaram só mentiras e coisas vãs, em que não há proveito.

20 Será que o ser humano pode fazer os seus próprios deuses? Esses não são deuses de verdade!”

21 Portanto, eis que lhes farei conhecer, sim, desta vez lhes farei conhecer a minha força e o meu poder. E saberão que o meu nome é Senhor.

Os versículos 19 a 21 trazem uma poderosa declaração de fé no Deus vivo e todo-poderoso. Henry explica muito bem esta passagem, que expressa uma profunda esperança na restauração espiritual por meio da graça divina. Nela, Jeremias declara que: 1) Deus é força, fortaleza e refúgio, especialmente buscado por aqueles que O rejeitaram na prosperidade, mas O procuram na angústia; 2) a conversão dos gentios servirá de estímulo para que os judeus também retornem ao Senhor, reconhecendo sua idolatria e voltando à obediência; 3) haverá reconhecimento da loucura dos pecados dos antepassados, que herdaram mentiras e práticas inúteis da idolatria; 4) o povo rejeitará os falsos deuses, reconhecendo racionalmente a insensatez de adorar obras de

suas próprias mãos; e, 5) por meio disso, Deus será honrado e Seu nome e poder serão finalmente reconhecidos, não apenas por palavras, mas pela experiência prática de Sua ação. A libertação final do exílio simboliza a grande salvação messiânica. Deus reunirá Seu povo disperso, judeus e gentios, por meio de “pescadores do Evangelho”, uma alusão à promessa messiânica de Deus reunir Seu povo por meio da pregação do evangelho, isto é, dos mensageiros de Cristo que, como pescadores de homens, resgatam almas do pecado e as conduzem à verdadeira adoração ao Deus vivo. Essa obra redentora superará em glória até mesmo a libertação do Egito, pois representa a redenção espiritual e eterna realizada por meio de Jesus Cristo (HENRY, 2015, p. 807-808).

Wiersbe declara que em um momento de fé e alegria profética, Jeremias vislumbra não só o retorno do remanescente judeu, mas também a conversão dos gentios de todas as partes do mundo ao Deus vivo de Israel. Isaías e Zacarias compartilharam da mesma visão (cf. Is 2.1-5; Zc 8.20-23). Enquanto esse tempo não chega, cabe à Igreja proclamar o evangelho até os confins da Terra, para que todos abandonem seus falsos deuses e creiam em Jesus Cristo, o Salvador do mundo (WIERSBE, 2006, p. 127).

É notório, nesta promessa, que o Senhor revela que o milagre da salvação será para todas as nações. Não somente ao povo de Israel, mas também ao povo gentílico. Ele promete ensinar a todas as nações sobre seu poder e sua força. A mensagem de Jeremias se estende a todo ser humano que reconhecer e obedecer à voz do Senhor.

2. O SER HUMANO FOI CHAMADO A VIVER EM COMUNHÃO

O pecado e a idolatria do povo geraram a mensagem de Deus que deveria ser vivida pelo profeta Jeremias, e as consequências para sua vida pessoal foram de solidão e distanciamento do povo. Mas sabe-se que o desejo de Deus não foi que o homem vivesse só, mas em comunhão uns com os outros. O relacionamento é algo que, desde o início, foi estabelecido por Deus à humanidade. Deus viu que não era bom que o homem vivesse só. A Bíblia apresenta, desde o início, a ideia de que o ser humano foi criado para viver em comunhão, com Deus e com outros seres humanos.

As diretrizes de Deus a Jeremias para não se casar, não ter filhos e não se relacionar com seus amigos, vizinhos e parentes em situações de luto e sofrimentos, bem como na sua alegria e nas festas, mostra como essa mensagem era importante e expressava a condição do pecado do povo em Judá.

2.1 O SER HUMANO NÃO FOI CRIADO PARA VIVER SÓ

É nítido que, no início da criação, Deus mostrou o quanto o relacionamento é importante e como ele faria isso. Em Gênesis 2.18, “O Senhor Deus disse ainda: Não é bom que o homem esteja só; farei para ele uma auxiliadora que seja semelhante a ele”. Neste versículo, Deus declara que não é bom que o ser humano viva isolado. A criação da mulher não foi apenas para casamento, mas também como resposta à necessidade de relacionamento, parceria e comunhão. Ryken explica que a era do evangelho é um tempo apropriado para o casamento e a celebração. Jeremias 33 profetiza a volta da alegria do noivo e da noiva, promessa cumprida em Jesus Cristo. Seu primeiro milagre se dá em um casamento e é registrado em João 2.1-11, o que confirma que Sua vinda marca um tempo de alegria, festa e renovação. Com o Salvador presente, a tristeza se transforma em celebração (RYKEN, 2018, p. 394).

Muitos textos mostram que não é bom que o ser humano viva só. Eclesiastes 4.9-12, por exemplo, relata o seguinte:

Melhor é serem dois do que um, porque maior é o pagamento pelo seu trabalho. Porque se caírem, um levanta o companheiro. Mas ai do que estiver só, pois, caindo, não haverá quem o levante. Também, se dois dormirem juntos, eles se aquecerão; mas, se for um sozinho, como se aquecerá? Se alguém quiser dominar um deles, os dois poderão resistir; o cordão de três dobras não se rompe com facilidade.

O sábio ressalta o valor da amizade e do apoio mútuo e mostra que viver em comunhão traz força e segurança. O salmista revela a vontade de Deus de incluir os solitários em lares, restaurar vínculos e prover relacionamentos saudáveis. O Salmo 68.6 diz: “Deus faz com que o solitário more em família; liberta os cativos e lhes dá prosperidade; só os rebeldes habitam em terra estéril”. Em Provérbios 18.1, o sábio expressa que “o solitário busca o seu próprio interesse e se opõe à verdadeira sabedoria”, uma clara advertência ao isolamento voluntário, associando-o à rebeldia e insensatez, ou seja, viver só por escolha egoísta é contrário à sabedoria de Deus. O autor acentua, em Hebreus 10.24-25, que “cuidemos também de nos animar uns aos outros no amor e na prática de boas obras. Não deixemos de nos congregar, como é costume de alguns. Pelo contrário, façamos admoestações, ainda mais agora que vocês veem que o Dia se aproxima”, um cuidado à comunhão cristã, destacando o princípio de que Deus deseja que o ser humano viva em comunidade, ajudando-se mutuamente.

Ryken esclarece que as ordens que Deus deu a Jeremias, como não se casar, não lamentar e não festejar, eram específicas para o seu tempo e não se aplicam à igreja cristã. Vivemos na era do evangelho em que as promessas de Deus já começaram a se cumprir. Por isso, este é um tempo de comunhão, consolo e celebração, refletindo a graça e a esperança do Reino de Deus já presente entre nós (RYKEN, 2018, p. 394). O ser humano não foi criado para viver só, mas foi feito como um ser relacional, vivendo em comunhão. A Bíblia demonstra que viver só não traz benefícios, pelo contrário, quem o faz desobedece a um princípio criado por Deus.

2.2 A SOLIDÃO

O pecado trouxe como consequência a quebra do relacionamento íntimo com Deus. A solidão é um estado de isolamento involuntário, frequentemente acompanhado de sentimentos de tristeza, vazio e sofrimento. A Bíblia apresenta vários exemplos de solidão, tanto momentos de isolamento físico, quanto sentimentos profundos de abandono emocional ou espiritual. Tillich explica que a solidão é uma condição universal da existência, mas no ser humano ela é mais profunda por causa da sua consciência. Estar vivo implica estar separado dos outros, e essa separação é inevitável. O ser humano não suporta estar só, mas também não pode fugir dessa realidade, que nem mesmo Deus anula. Trata-se de um aspecto essencial da experiência humana (TILLICH, 1963, p. 15-16).

Encontram-se na Bíblia situações em que o ser humano se sentiu totalmente sozinho, como se nada mais existisse além dele ou de seus problemas. Em 1 Reis 19.4-10, depois de uma grande vitória no Monte Carmelo, Elias fugiu para o deserto, exausto e com medo. Sentiu-se sozinho, rejeitado e desejou a morte. Deus, porém, o consolou e mostrou que ele não estava tão só quanto pensava, havia mais 7.000 fiéis como ele. Kaplan e Schwartz explicam que Elias pede a morte para si pois estava exausto e desapontado com a derrota que sentiu logo depois de uma vitória (KAPLAN; SCHWARTZ, 2000, p. 105). Derrota essa que, apesar de fazer cair fogo do céu, não conseguiu converter os corações do povo ao Senhor.

Jó, por sua vez, viveu a solidão em meio ao sofrimento. Em Jó 19.13-14 lê-se que “Deus levou os meus irmãos para longe de mim, e os que me conhecem, como estranhos, se afastaram de mim. Os meus parentes me abandonaram, e os meus conhecidos se esqueceram de mim”. Ruppenthal Neto e Bastos dizem que “o desejo da morte por parte de Jó, não é fruto de sua esperança em Deus, mas decorrente de seu sofrimento profundo em virtude de suas perdas” (RUPPENTHAL NETO; BASTOS, 2021, p. 93). Jó perdeu filhos, saúde, bens e apoio. Seus amigos o acusaram, e ele experimentou uma solidão emocional e espiritual intensa, mesmo sendo fiel a Deus.

Davi, apesar de rei, passou por momentos de profunda solidão, especialmente quando perseguido por Saul ou confrontado por seus próprios pecados. Ele frequentemente derramava essa dor diante de Deus, como visto em Salmo 25.16, que diz: “Volta-te para mim e tem compaixão, porque estou sozinho e aflito”. Ruppenthal Neto e Bastos explicam que momentos como este na vida de Davi eram transformados em orações nas quais ele se arrependia do seu pecado e abria seu coração para Deus. Embora existam vários louvores oriundos dessas orações que edificam a igreja hoje, para Davi era diferente. Devido a tamanho sofrimento, ele as usava como válvulas de escape (RUPPENTHAL NETO; BASTOS, 2021, p. 178-179).

Jesus Cristo também sentiu solidão. Em Mateus 26.40, Jesus se sentiu só enquanto orava no Getsêmani e os discípulos dormiam. Na cruz, Jesus experimentou a mais profunda solidão, conforme Mateus 27.46. Ele tomou sobre si a solidão da humanidade para que a comunhão com Deus fosse reestabelecida.

Ainda, o apóstolo Paulo se sentiu só na vida ministerial e perto do fim da vida. Em 2 Timóteo 4.16, ele diz: “Na minha primeira defesa, ninguém foi a meu favor; todos me abandonaram. Que isto não lhes seja posto na conta!”. Mesmo sendo influente, o apóstolo Paulo teve que enfrentar o abandono e a solidão. Já no fim de sua vida, em 2 Timóteo 4.17, ele afirma: “[...] o Senhor esteve ao meu lado e me revestiu de forças, para que, através de mim, a pregação fosse plenamente cumprida, e todos os gentios a ouvissem. E fui libertado da boca do leão”.

Ao confrontar a solidão, pode-se entrar em um abismo. Silva expressa que a alma clama nos momentos mais sombrios da vida, quando o peso é insuportável, as perdas são inexplicáveis, o medo domina e a solidão parece absoluta. Mesmo quando orar se torna difícil, é neste vale escuro que o grito da alma revela sua dor mais profunda (Silva, p. 39). Elliot declara que a fé verdadeira nasce em meio à confusão e ao medo, quando não se entende o que está acontecendo. Nessas situações, somos chamados a confiar e a obedecer. A chave está em lembrar da cruz, prova suprema do amor de Deus, e isso deve ser suficiente para confiarmos Nele (ELLIOT, p. 17).

A Bíblia mostra grandes homens com fé, tementes e obedientes a Deus, que tiveram medo e sentiram a solidão afetar a sua alma, mas que sempre colocaram os seus depósitos Naquele que é digno de confiança. Deus chama o ser humano a viver em comunhão íntima com ele e, dessa maneira, nenhuma solidão, mesmo que imposta pelo próprio Deus, como a do profeta Jeremias, será capaz de tirar a confiança no Senhor.

2.3 UMA VIDA DE SOLITUDE EM DEUS

Solitude é diferente de solidão. Enquanto a solidão é o sentimento de abandono, a solitude é uma escolha consciente de estar só para buscar a Deus, refletir ou renovar forças espirituais. A Bíblia valoriza a solitude como disciplina espiritual.

O maior exemplo de solitude é a de Jesus Cristo. O texto de Marcos 1.35 relata: “Tendo-se levantado de madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus saiu e foi para um lugar deserto, e ali orava”. O texto de Lucas 5.16 reforça que “Jesus, porém, retirava-se para lugares solitários e orava”. É notória a suprema solitude de Jesus ao buscar momentos a sós para fortalecer sua comunhão com o Pai, longe das multidões e da pressão do ministério. É necessário ao indivíduo ter este momento com o Pai, um lugar íntimo de comunhão. Silva chama de “o lugar secreto” e diz que é um espaço sem distrações, onde nos desconectamos do mundo para nos conectar com Deus. A verdadeira intimidade com o Senhor acontece na solitude, não nas multidões. Na Bíblia, a solitude é usada como meio de comunhão, autoconhecimento e renovação espiritual, um momento intencional de encontro com Deus (SILVA, p. 62-63).

João Batista não tinha apenas momentos de solidude, pois para ele era um estilo de vida, conforme Lucas 1.80: “O menino crescia e se fortalecia em espírito. E viveu nos desertos até o dia em que havia de manifestar-se a Israel”. João Batista viveu em solidude, preparando-se espiritualmente. Sua missão foi forjada no silêncio e na separação do mundo.

Já o apóstolo Paulo vai compreender e viver a solidude somente após o seu encontro com Cristo, como declara em Gálatas 1.17-18: “Nem fui a Jerusalém para me encontrar com os que já eram apóstolos antes de mim, mas fui para as regiões da Arábia e voltei, outra vez, para Damasco. Passados três anos, fui a Jerusalém para me encontrar com Cefas e fiquei quinze dias com ele”. Após a sua conversão, o apóstolo Paulo passou um tempo em solidude na Arábia, utilizando-se deste para sua formação doutrinária e interior antes de entrar em ministério público.

No Antigo Testamento, Êxodo 34.28 expõe a solidude de Moisés, que passou dias com Deus no Sinai, recebendo a Lei e sendo transformado em Sua presença. Foi uma solidude reveladora e transformadora. Jacó, em Gênesis 32.24, na véspera do reencontro com seu irmão Esaú, buscou solidude e foi transformado em Peniel. Lutou com o emissário de Deus e recebeu um novo nome. O rei Davi escreveu muitos salmos em momentos de solidude, no deserto ou em fuga. Nessas ocasiões, ele derramava sua alma diante de Deus, compondo louvores a Deus, como em Salmo 63.1: “Ó Deus, tu és o meu Deus; eu te busco ansiosamente. A minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta e sem água”.

A solidude na Bíblia é vista como uma ferramenta de intimidade com Deus, autoconhecimento e renovação. Em vez de fugir do mundo por medo, os servos de Deus buscavam estar a sós com propósito.

2.4 A DEDICAÇÃO AO CHAMADO

É evidente que, em algumas situações, o próprio Deus chama ao propósito de não se casar, um chamado específico como o do profeta Jeremias. Whyte diz que o caso do profeta Jeremias tem uma particularidade: tudo que um homem casado faria era levar as dificuldades de seu ministério para casa e dividi-las com sua esposa e, ao não ter uma família, Jeremias passou a dividir com Deus (WHYTE, 2021, p. 566-567). Wiersbe demonstra a similaridade entre Jeremias e Jesus Cristo: nenhum deles se casou (WIERSBE, 2006, p. 567). Ryken esclarece que os cristãos não são obrigados a se casar, pois o casamento é uma condição temporária. Jesus afirmou, em Mateus 22.30, que no céu não haverá casamento porque todos os salvos estarão unidos a Cristo. Será um casamento espiritual, como completa o apóstolo em Efésios 5.32. O status de solteiro na Bíblia é valorizado. O solteiro pode ter uma vida de consagração plena ao Senhor, sem as distrações da vida familiar. Portanto, casar ou permanecer solteiro, ambos são caminhos abençoados por Deus desde que vividos com foco em Cristo. O mais importante é estar comprometido com o Senhor independentemente do estado civil (RYKEN, 2018, p. 394).

Em I Coríntios 7.32-34, o apóstolo Paulo orienta:

O que eu realmente quero é que vocês fiquem livres de preocupações. Quem não é casado cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor. Mas o que se casou cuida das coisas do mundo, de como agradar à esposa, e assim está dividido. Também a mulher, tanto a viúva como a virgem, cuida das coisas do Senhor, para ser santa, assim no corpo como no espírito. Mas a mulher casada se preocupa com as coisas do mundo, de como agradar ao marido.

O apóstolo explica sobre as vantagens do estado de solteiro para quem deseja servir ao Senhor sem distrações. Ele ensina que a solteirice pode ser uma vantagem espiritual, pois permite dedicação total a Deus, sem as preocupações naturais da vida conjugal. Contudo, ele não impõe isso como regra, apenas como uma

orientação sábia conforme o contexto e o chamado de cada um. O apóstolo Paulo usava a própria vida como exemplo. Por escolha pessoal, decidiu permanecer solteiro e livre das distrações da vida cotidiana, a fim de dedicar-se inteiramente ao ministério e agradar ao Senhor. Paulo explica que essa decisão não era uma imposição, mas uma opção consciente de servir a Deus com total dedicação. Ele reconhece que o casamento é algo bom e honroso, mas entende que a vida solteira oferece maior liberdade para se concentrar nas coisas do Senhor, sem as preocupações e responsabilidades familiares. Assim, sua condição de solteiro refletia seu desejo de viver de modo mais focado na missão e no serviço ao Evangelho. Em Atos 20.24, diz: “Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, desde que eu complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus”. Ele é um modelo bíblico de alguém que se consagrou totalmente ao chamado, com uma dedicação radical à causa do Evangelho.

Silva salienta que “as ovelhas conhecem a voz do pastor. Elas aprendem a ouvir, a identificar o som que as chama e, por conseguinte, a seguir. Esse é o convite de Deus para nós: sermos como as ovelhas, atentos à Sua voz, dispostos a seguir Sua direção” (SILVA, p. 102). É indiscutível que só reconhece a voz do Pastor aquele que possui um coração regenerado e transformado pelo Espírito Santo de Deus. Somente Deus pode ensinar um pecador a obedecer e a reconhecer o seu chamado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das informações demonstradas na pesquisa e na análise de Jeremias 16.1-21, é possível concluir que as condutas do profeta Jeremias demonstram claramente como Deus usa a vida de um indivíduo como instrumento prático de sua mensagem ao povo. E também como ações representadas de maneira prática podem ter eficácia em quem assiste, pois a palavra pode soar vazia aos ouvidos de quem escuta, mas o simbolismo de viver de fato o que é dito causa um alerta grandioso.

Jeremias demonstrou como a vida de um profeta está sujeita a obedecer a vontade de Deus para alcançar a plenitude de sua mensagem. Quando foi ordenado a não se casar e não ter filhos, o profeta não questionou. Ao ser orientado a não festejar na alegria do próximo e a não se compadecer com a dor na hora do sofrimento, Jeremias não hesitou em cumprir as ordens de Deus, ainda que, ao cumpri-las, ele se tornasse um pária da sociedade, alguém à parte, excluído do convívio em momentos de comoção e com conotação de afeto e empatia pelo próximo, o que impactaria a aceitação dele naquele contexto social. O profeta provou na própria pele todos os simbolismos transmitidos a Judá pela sua vida e suas ações a respeito do que aconteceria com aquele povo, uma mensagem aterrorizante que trazia medo, desilusão e a perda do cuidado do Senhor, mostrando que de nada valeria ter família, filhos ou alegria, pois o que aconteceria com o povo traria calamidade e, assim como Jeremias vivia, seria melhor não ter por quem chorar e lamentar.

Mas em meio a todo caos anunciado, há esperança, uma esperança no Senhor, o mesmo Deus poderoso que tirou o povo da escravidão do Egito, que tem todo poder e força para libertar o povo dos seus pecados e apostasia. Se colocar a confiança no Senhor, Ele pode transformar e restaurar a condição do perdido, não por ser merecedor, mas para exaltação e glória do próprio Deus.

Deus é um ser relacional e não deseja que o homem seja solitário, que viva só, mas sim que tenha comunhão. Por isso Deus lhe criou uma auxiliadora. O senhor deseja que o ser humano se relacione com seu cônjuge, seus amigos, familiares, irmãos em Cristo e, principalmente, que tenha um relacionamento com Deus, o seu criador. Ele deseja ter intimidade com cada ser humano e que todos vivam a solitude Nele e se regozijem no que Ele criou.

À vista disso, a mensagem transmitida pelo profeta em Jeremias 16.1–21 traz um alerta para que o povo adore e confie somente em um único Deus, lembrando também que há esperança de salvação para todos os povos. A mensagem do profeta não estava restrita apenas àquele povo nem limitada a um período específico da história, mas apontava para uma esperança futura. Hoje, essa verdade se aplica de forma individual, não mais como uma nação, mas como pessoas que creem e se relacionam pessoalmente com o Senhor. Todo aquele que confia em Deus e busca um relacionamento verdadeiro com Ele será liberto do pecado e alcançará a promessa da vida eterna.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA DE ESTUDO NAA. Nova Almeida Atualizada (NAA). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.
- BÍBLIA. Septuaginta (Rahlfs 1935) – interlinear. BibleBento. Disponível em: <https://biblebento.com/index.html?lxxl&300.1.1> Acesso em: 15 de outubro de 2025.
- CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amos, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias**, volume 5. São Paulo: Hagnos, 2001.
- ELLIOT, Elisabeth. **Esperança na solidão: encontrando Deus no deserto. (Portuguese Edition)**. Edição do Kindle.
- FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** São Paulo: Vida Nova, 2022.
- GUSSO, Antônio Renato. **Os Profetas Maiores**. Curitiba: ADSantos, 2021.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico - Antigo Testamento Volume 4: Isaías a Malaquias**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- KAPLAN, Kalman J. SCHWARTZ, Matthew B. Suicide and suicide Prevention in the Hebrew Bible. *Journal of Psychology and Judaism*, Vol. 24, No. 1. Spring 2000, p. 99-109.
- KUNZ, Marivete Zanoni. **A vida do profeta como paradigma para a sua pregação**. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/viewFile/101/35> Acesso em: 12 de agosto 2025.
- MACKAY, John L. **Comentários do Antigo Testamento - Jeremias vol. 1**. Traduzido por Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.
- MARTY, William H.; SEEVERS, Boyd. **Lendo a Bíblia livro por livro**. São Paulo: Vida Nova, 2020.
- RUPPENTHAL NETO, Willibaldo; BASTOS, Renato da Costa. **E pediu para si a morte**. Curitiba: Pão Diário, 2021.
- PRICE, E. Ross; GRAY, C. Paul; GRIDER, J. Kenneth; SWIM, Roy E. **Comentário Bíblico Beacon**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- RYKEN, Philip Graham. **Estudos bíblicos expositivos em Jeremias e Lamentações**. Tradução de Letícia Scotuzzi. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.
- SCHÖKEL, Luís Alonso; SICRE DÍAZ, José Luís. **Profetas I: Isaías, Jeremias**. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988.

SICRE DÍAZ, José Luís. *Introdução ao profetismo bíblico*. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2016.

SILVA, Anderson Lunardes da. *A sós com Deus*. (Portuguese Edition). Edição do Kindle.

TILLICH, Paul. *The eternal now- Sermons*. New York: Scribner, 1963.

WHYTE, Alexander. *Personagens Bíblicos do Antigo e Novo Testamento*. Londrina: Penkal, 2021.

WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento: volume IV, Profético*. Santo André: Geográfica, 2006.